

O DIÁLOGO COMO BASE PARA O (Com)VIVER NA ESCOLA: refletindo sobre episódios discursivos do Projeto Digit-M-Ed Parnaíba (PI)

Maria Estely Rodrigues Teles; Francisco Afranio Rodrigues Teles.

Projeto Digit-M-Ed Parnaíba/Secretaria Municipal de Educação de Barroquinha-Ceará, teles.estely@gmail.com
Projeto Digit-M-Ed Parnaíba/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, afraniofmn@gmail.com

RESUMO

O texto visa refletir sobre o diálogo como base para convivência no contexto escolar e fora dele. O foco são as necessidades de pensar criticamente sobre as relações que se produzem na escola e seus efeitos em cenários socioculturais diversos. Na escola e em outros espaços relacionais na contemporaneidade as pessoas têm vivido uma intensa e controversa dificuldade de escutar e manifestar pontos de vista sem que ocorram tensões e rupturas no conviver. Diante disso, perguntamos: existe um caminho potencializador do (com)viver na escola que seja capaz de produzir possibilidades para que os sujeitos se movam criativos, respeitosos e humanizados no mundo? É central nestas reflexões a compreensão de diálogo na perspectiva freiriana e os estudos de Mateus (2013) quanto às diferenças entre debate, discussão e diálogo. O ponto de partida para a reflexão são excertos de um workshop do Projeto Digit-M-Ed Parnaíba (PI), realizado no 1º semestre de 2017, que tem a participação de vários sujeitos (alunos, professores, gestores e pesquisadores) de diferentes escolas vinculadas ao supracitado projeto. O workshop foi gravado em áudio e vídeo e transcrito para análise dos elementos argumentativos, como base em Liberali (2013), sobretudo, nos aspectos enunciativos e discursivos da linguagem. Nesse enquadre, o texto foi organizado, inicialmente, com uma reflexão sobre debate, discussão e diálogo. Na sequência, apresentamos uma contextualização do referido projeto. Na continuidade, fazemos a análise de excertos que focalizam o viver em conjunto, a partir da ótica dos adolescentes do Projeto Digit-M-Ed. Para finalizar, apontamos o diálogo como via para conviver e viver no mundo, tendo a escola como lugar propício para produzir uma consciência e ação relacional crítica e intencional. Assim, defendemos o diálogo como viés relevante para instrumentalizar e melhorar as relações na escola e em outros cenários como dimensão política, histórica e, sobretudo, como possibilidade viável (FREIRE, 1981; 1970/2011) para superação dos limites e dramas que tornam a vida humana dilacerada no mundo de hoje.

Palavras-chave: Escola, Diálogo, (Com)Viver.

INTRODUÇÃO

Este texto tem a intenção de refletir sobre o diálogo como base para convivência no contexto escolar e fora dele. O foco são as necessidades de pensar criticamente sobre as relações que se produzem na escola e seus efeitos em cenários socioculturais diversos. Na escola e em outros espaços relacionais na contemporaneidade as pessoas têm vivido uma intensa e controversa dificuldade de escutar e manifestar pontos de vista sem que ocorram tensões e rupturas no conviver.

Como composição social, as pessoas convivem a todo instante com outras em diferente ambientes, nos seus grupos de convivência. Quando não em casa, com a vizinhança, trabalho, escola e/ou na rua. Ninguém vive isolado, isso é fato. No entanto, diferente de décadas atrás, estes

ambientes sociais estão cada vez mais desafiadores e de um alcance bem maior nos dias atuais. Eles são também virtuais.

Em todos esses ambientes, o que intermedia as relações é a comunicação, a linguagem. No entanto, nem sempre há a presença de diálogo em processos comunicativos. Muitas vezes há imposição de ideias, sem o princípio da escuta e reflexão. O grande problema da falta de diálogo é que esses conflitos ganham grandes proporções, gerando outros problemas, como: preconceito, intolerância, discriminação e até diferentes tipos de violência. Geralmente, as pessoas acabam se articulando a grupos de ideias que se opõem a outros, minando possibilidades de entrelaçamento de vozes que possam configurar uma nova realidade.

A impressão é que as pessoas estão se acostumando cada vez mais a defenderem seus pontos de vista de forma fixa, sem que outros pontos se articulem e colaborem uns com os outros. Há dificuldades de escutar e manifestar posições sem que ocorram tensões e rupturas no conviver. Na escola, por exemplo, os atos de violência têm aumentado, seja entre aluno-aluno ou professor-aluno ou outros sujeitos, fortalecendo uma cultura de debate e discussão em que se articulam com a intenção de convencer e persuadir as mentes dos indivíduos.

No entanto, o âmbito escolar pode ser fonte do surgimento de novas atitudes ouvintes e dialógicas. Diante disso, perguntamos: existe um caminho potencializador do (com)viver na escola que seja capaz de produzir possibilidades para que os sujeitos se movam criativos, respeitosos e humanizados no mundo?

O DIÁLOGO SUPERANDO A PRÁTICA DO DEBATE E DA DISCUSSÃO

O diálogo é central para que mais pessoas possam se dedicar a práticas democráticas, uma vez que por meio dele novas possibilidades de pensar criticamente, de refletir cuidadosamente, de escutar e se posicionar frente a questões de natureza política são fortalecidos nas relações sociais. Saber dialogar amplia o potencial das interações humanas e de comunicação aberta e libertadora na medida em que as diferenças podem ser discutidas e os posicionamentos revistos continuamente.

Nesse sentido, ao refletirmos sobre a forma como dialogamos abrimos espaço para que nossa mentalidade/consciência contribua para que nossas ações sejam mais dialógicas e que diferentes posturas, como o debate e a discussão são práticas mais comuns no nosso cotidiano.

Essas discussões estão inseridas no campo da linguagem argumentativa (LIBERALI, 2013) que pode ser vista e vivenciada pelo prisma do debate, da discussão e do diálogo. Em contexto de

formação, sobretudo, os cenários de ensino-aprendizagem na escola é importante compreender a maneira como nos organizamos para argumentar, pois muitas vezes as práticas educacionais pautadas no diálogo são discursos que não se inserem em uma perspectiva de convivência com as diferenças e no pensamento crítico sobre viver coletivamente no mundo.

Para fazer a diferença entre debate, discussão e diálogo como práticas argumentativas, utilizamos os estudos de Mateus (2013) que reflete sobre essas questões com base em Emmel et al (1996)¹. O foco dessas reflexões recai sobre a diversidade como ponto essencial para superação de tensões e conflitos nas relações sociais, sobretudo, na escola em busca de bases que fortaleçam a convivência humana em meio à produção criativa de novas possibilidades de convivência, orientando ações éticas e cidadãs.

Na perspectiva do debate, como aponta a pesquisadora, as pessoas são extremamente combativas, ou seja, lados opostos são enfatizados em que cada um tenta mostrar e provar que o outro está errado. Nesse processo, ouve-se para encontrar falhas nas posições e a partir disso contra-argumentar, reafirmando um ponto de vista como um pressuposto verdadeiro e fixo.

Nessa direção, cada interlocutor pressupõe que seu posicionamento é a única resposta correta que já possui independente de posições do outro. Essa atitude marcada pelo debate fortalece as atitudes de mentalidade restritiva, uma certeza absoluta de que está certo. Essa compreensão impõe uma conclusão que se mantém firme e definida no início e no desenvolvimento do debate, não demandando mudanças de pontos de vista, mas identificação de pontos fracos do interlocutor que é um adversário (MATEUS, 2013).

Em relação a essa discussão, a pesquisadora, enfoca que a argumentação que se mobiliza nesse processo tem a finalidade de que diferentes pontos de vista contribuam para formação de noções abstratas e verdades coletivas. Para ela, o outro é ouvido para que as perspectivas próprias se juntem em partes lógicas para formar um todo intelectual. Nesse cenário, as ideias são aumentadas e as experiências pessoais são descoladas do conteúdo da discussão.

No campo da discussão é importante ressaltar que as contribuições individuais têm valor por serem as posições corretas, inteligentes e claras, uma vez que todos os posicionamentos são igualmente válidos e se entrelaçam para esclarecer e direcionar as questões discutidas. Em geral, atitudes de mentes indiferentes a divergências e a pontos de vista diversos são ignorados (MATEUS, 2013).

¹ C.f no livro **Argument revisited**: argument redefined – negotiating meaning in the composition classroom, lançado em 1996 pela Sage Publications. As autoras apresentam estudos sobre três momentos interligados e essenciais na argumentação: debate, discussão e diálogo.

Diante disso, os pontos fortes dos quadros conceituais de referência à discussão são amplamente aceitos. No entanto, a igualdade de posições possui pouca ou nenhuma atenção às diferenças de identidade, posição social e poder de fala, como discute Mateus (2013). Para essa pesquisadora, muitas perspectivas de pensamento e valores são expressas, sem que sejam necessárias articulações e realinhamento entre elas. As decisões são definidas por aceitação da maioria. A concordância utiliza-se, muitas vezes, do voto como meio de decisão.

Na perspectiva do diálogo, segundo Mateus (2013) nos processos argumentativos, a colaboração é um pressuposto importante em que múltiplos pontos de vista trabalham visando uma compreensão compartilhada. Para isso, os interlocutores ouvem uns aos outros para compreender, buscar os sentidos e encontrar elementos comuns na comunicação.

O processo colaborativo é uma construção que se processa pela formação contínua de socialização de experiências, de espaços para escuta e diálogo, em que todos têm oportunidades de se expressar sobre os dilemas, as facilidades, os desafios existenciais. No entanto, ninguém nasce colaborando, mas aprende a ser colaborador, constituindo uma cultura pessoal e comunitária de respeito, negociação e reflexão (FREIRE, 1970/2011).

Compreendemos que a colaboração vai além do estar junto, mas envolve o direito dos sujeitos expressarem suas percepções, pois é necessário e importante partilhar e ressignificar o arcabouço de compreensões e sistemas de ideias que os move. O processo colaborativo, portanto, contribui para que os colaboradores, mutuamente, aprendam a aprender, a conhecer, a pensar e a reconstruir seus objetos e instrumentos compartilhados/negociados no exercício do diálogo para avançarem social, histórica e culturalmente.

No processo dialógico a visão dos participantes se alarga e se transforma, uma vez que a experiência pessoal é o principal caminho para tomada de consciência e fortalecimento das relações. Nesse cenário, cada um possui visões relevantes sobre o viver, em que cada um tem pontos de vista parciais e que ao se unirem se direcionam para uma totalidade. Cada interlocutor viu e experienciou situações que lhe dá um sentido para existência e quando explicitadas são incorporada a visão do todo, sempre como uma possibilidade de uma completude que nunca termina (MATEUS, 2013).

Assim, os posicionamentos das pessoas são sempre pressupostos que necessitam serem reavaliados pelos processos de reflexão e autoavaliação das posições reveladas. Nesse intuito, o diálogo gera atitudes de mente aberta para revisão do dos pontos de vista, identificando pontos fortes em todas as posições, possibilitando meios para transformá-los, sobretudo, reinventando e desconstruindo uma cultura do silêncio (FREIRE, 1981; 1970/2011) que assola nossa realidade.



Nos estudos de Freire sobre a cultura do silêncio, como observado anteriormente por Lima (2011)², apontam que essa realidade foi herdada do período colonial brasileiro. Para o autor o Brasil não experimentou situações históricas que contribuíssem para que se desenvolvesse como um Estado democrático. Os séculos de colonização consubstanciaram uma estrutura de dominação que corresponde a um arcabouço de representações e ações que negam a comunicação e o diálogo, sobretudo, a que carece de criticidade.

Há na sociedade brasileira ausência de circunstâncias para vivência do diálogo, uma vez que o inconsciente coletivo impede os sujeitos de transformarem a realidade e quando isso acontece é de forma mecânica, nutrida por uma consciência servil (FREIRE, 1981; 1970/2011). Para o autor as mudanças estruturais só se transformarão em uma sociedade livre quando essa deixar de ser silenciosa, rompendo com as amarras da cultura do silêncio.

A instituição escola não está a serviço da opressão, condicionando os alunos ao exercício diário de privação de voz, vez e participação nas decisões, mas implica organização forjada com os alunos, onde o diálogo tem papel fundamental para construção e reconstrução das relações que se pautam na consciência crítica e na liberdade para lidar com os conflitos e avançar em processos intencionais de desenvolvimento coletivos. A dialogicidade se efetiva em contextos de interações comunicativas que argumentam para mediatizar o mundo, configurando-o objetivamente como consciência e ação.

Nesse contexto, dialogar é uma prática que envolve diferentes posições e ideias em que as pessoas são ouvidas, têm lugar de fala e decisão. O grande desafio é que possamos nos colocar como seres argumentativos que colaborem para expandir e reinventar a cultura que historicamente foi produzida; que nas nossas interações ajudemos uns aos outros a se fortalecer como pessoa e membro de uma comunidade que aprende e se desenvolve coletivamente; e, que, sobretudo, em nossas trocas comunicativas não aniquilemos o outro, tornando-o inferior e submisso as nossas convicções.

O PROJETO DIGIT-M-ED PARNAÍBA: criando possibilidades de reflexão e diálogo

Esta seção está organizada para descrever o contexto do *Digital Media Education* (Digit-M-Ed), atualmente denominado de Digit-M-Ed Hiperconectando, um projeto de pesquisa e formação

² Para um aprofundamento sobre o desenvolvimento de estudos sobre a cultura na perspectiva freiriana, ver Lima (2011). O pesquisador explicita três pontos-chave dos estudos culturais de Paulo Freire: a cultura do silêncio, o conceito antropológico de cultura e a ação cultural.

de formadores, organizado por meio de *workshops*,³ reuniões de formação e de participação em eventos educacionais, dentre outras atividades. O projeto focaliza na construção e (re)elaboração de propostas curriculares, cujos participantes se unem para que possam dialogar e negociar meios de transformar a escola pela argumentação colaborativa (LIBERALI, 2013).

No Brasil, o Digit-M-Ed foi criado pelo Grupo de Pesquisa LACE-SP, em 2012, que, segundo Liberali (2015), foi inspirado na organização do Projeto Interinstitucional Internacional Digit-M-Ed⁴: *perspectivas globais em aprendizagem e desenvolvimento por meio de mídia digital – uma perspectiva qualitativa sobre o dia a dia de jovens em situações marginalizadas*, envolvendo a colaboração entre diferentes universidades, como, Creta, Londres, Estadual de Psicologia e Educação de Moscou, Berlim, de Jawaharlal Nehru da Índia e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O projeto constitui-se lugar de formação e de pesquisas de projetos da graduação e pós-graduação, visando à reorganização curricular das escolas a partir dos pressupostos da Colaboração Crítica (MAGALHÃES, 2011; LIBERALI, 2013) e os estudos da argumentação (LIBERALI, 2013; 2016). Os dados são produzidos e coletados por meio de gravações, em áudio e vídeo, notas e imagens de campo das atividades do projeto e de materiais construídos pelos participantes (LIBERALI, 2015), cuja materialidade é descrita, analisada e interpretada por meio das categorias enunciativo-discursivo-linguísticas multimodais (LIBERALI, 2013) na perspectiva bakhtiniana.

A implementação do projeto no município de Parnaíba - PI começou como uma experiência na Escola Municipal Roland Jacob⁵, instituição vinculada à rede pública municipal de educação, com alunos a partir do 8º ano e 3º ciclos do Ensino Fundamental (Educação de Jovens e Adultos). A escolha desses anos e ciclos escolares ocorreu a partir de uma negociação feita na referida escola em reuniões anteriores ao início do projeto com o intuito de trabalhar, sobretudo, com alunos adolescentes.

Digit-M-Ed Parnaíba⁶ constitui-se um projeto de extensão que visa uma intervenção formativa crítico-colaborativa, por meio de momentos de reflexão e de criação de espaços de escuta

³ Atividade de encontro coletivo e reflexão de um tema compartilhado e intencionalmente planejado para que os participantes se apoiem e avancem nas experiências da vida escolar e fora dela.

⁴ Implementado em 2010 com o financiamento da União Europeia por meio do projeto de Intercâmbio de Equipes de Pesquisas Internacionais de Marie Curie, voltado para aprendizagens e desenvolvimento com mídias em geral, especialmente, a edição de vídeos digitais (LIBERALI, 2015).

⁵ A escola autorizou a citação do nome nas produções e estudos do projeto.

⁶ Nesse formato teórico-metodológico o projeto foi se expandindo e no segundo semestre de 2015, implantado no município de Parnaíba (PI), coordenado pelo professor Francisco Afranio Rodrigues Teles e a colaboração da professora Fabricia Pereira Teles. Nesse processo, criaram um grupo de pesquisadores, composto por doutores, mestres, especialistas, graduados, graduandos, pais e estudantes da educação básica do município.

e compreensão sobre o pensar e o agir no contexto escolar, com foco nas múltiplas linguagens, em modos de argumentar e de perguntar.

A análise enunciativa e discursiva dos dados para refletir sobre diálogo na escola

Para defender a importância do diálogo na escola como base para um (com) viver mais harmônico e expansivo dos sujeitos, apresentamos a seleção de dados escolhidos para análise e interpretação, visando à criação compartilhada de novas possibilidades de entender e viver dialogicamente no contexto escolar. Selecionamos uma parte da apresentação, selecionando apenas um excerto para análise e interpretação dos dados, considerando os elementos argumentativos, como base em Liberali (2013), prioritariamente destacando os aspectos enunciativos e discursivos da linguagem.

Quanto aos aspectos enunciativos, destacamos que os dados, apresentados a seguir, foram produzidos no 3º e último workshop do projeto Digit-M-Ed Parnaíba, no dia 23 de junho de 2017, no horário da tarde, no mini auditório da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Nesse período o tema (Com)VIVER foi o ponto central de reflexão do semestre. A intenção foi trabalhar com a perspectiva de um agir cidadão que criasse possibilidades de viver na escola e fora dela por meio do diálogo colaborativo.

A finalidade do tema se voltou para a) compreender a importância de saber conviver e comunicar-se em diferentes contextos e situações multiculturais; b) identificar modos de comunicação e de escuta do outro para garantir o entendimento e a convivência com as diferentes culturas; e, c) refletir sobre viver melhor em comunidade por meio de um diálogo aberto e inclusivo.

Diante disso, selecionamos um episódio que envolve a socialização de uma poesia produzida na Escola Raquel Magalhães com a orientação de uma professora de Língua Portuguesa. São duas alunas e um aluno do 8º ano manhã que fazem a apresentação da poesia que eles construíram coletivamente: Aluna 1 (A1), Aluno 2 (A2), Aluna 3 (A3). Posicionados de pé, com um cartaz na mão, eles apresentam sua poesia sobre o conviver na escola por meio de palavras-chave que forma a imagem de um coração. A apresentação é feita para alunos, professores de cinco escolas presentes e os pesquisadores/organizadores do workshop que estão sentados cadeiras em círculo. Toda a apresentação foi gravada em vídeo por uma filmadora que ficou na saída do auditório.

Fizemos a seguinte análise discursiva (em negrito e entre parênteses) dos dados transcritos do episódio selecionado, como mostra o excerto selecionado abaixo. Fazem parte da interlocução no excerto: Aluna 1 (A1), Aluno 2 (A2), Aluno 5 (A5), Aluno 6 (A6), Aluna 7 (A7), Pesquisador Formador 1 (PF1), Pesquisadora Formadora 2 (PF2), Pesquisadora Formadora 3 (PF3) e Alunos (quando resposta coletiva e ao mesmo tempo).

No excerto o A2 apresenta e aponta para as palavras-chave da poesia em forma de coração em um cartaz que é segurado pelas A1 e A3.

A2: Quando a pessoa está com algum problema é bom dialogar. Apoiar essa pessoa, fazer a pessoa se sentir melhor. Educar é fazer com que a pessoa volte aos trilhos, vamos dizer assim. Para que ela seja a pessoa boa mesmo. Desculpar. Desculpar é quando a pessoa tenha cometido um erro com você, poderia perdoada, porque cada um merece uma segunda chance (**Apresenta um ponto de vista**). Conscientizar é (**não consegue explicar o entendimento que têm da palavra**).

A1: Se colocar no lugar do outro, quem sabe as dificuldades dele (**Apresenta um ponto de vista, mas expandindo a fala de A2**).

A2: Tentar ajudar ele (**apresenta um ponto de vista inseguro com o apoio da posição de A1**).

PF1: Vamos vê gente! O que é que os outros acham sobre o que é conscientizar? O que vocês entendem por conscientizar-se? (**Pedido de mais pontos de vista dos participantes presentes, além dos apresentadores**)

A5: Ter consciência de algo que você pode estar fazendo e que pode vir a prejudicar outra pessoa (**apresentação de ponto de vista e expansão da discussão**).

PF1: Só prejudicar? (**Apresenta questão controversa e pedido de expansão do entendimento de A5**)

A5: É também ajudar. Ter consciência que aquilo pode ser errado (**Expande a resposta espelhando no ponto de vista de A2, mas mantém parte da resposta anterior**).

A6: Ter consciência pode ser algo certo também (**Apresentação de ponto de vista como suporte**).

PF1: E o quê mais pode ser consciência? Conscientização? (**Apresenta questão controversa e pedido de expansão para as posições**).

PF2: A consciência ela pode ser...Ela depende mais de mim? Ela é mais de dentro da gente, nossa ou ela é também de fora? (**Inicia apresentando um possível ponto de vista, mas recua e pede suporte expandindo a pergunta de PF1**)

A7: De fora (**resposta, sem suporte explicativo ou com exemplo**).

PF2: Ela é influenciada mais por as pessoas que estão ao nosso redor ou é a gente mesmo que tem que ter aquela consciência? É algo que vem de dentro ou que vem de fora? (**Expande a pergunta que fez anteriormente, pedindo suporte na resposta**)

PF1: É de fora o que vem do outro. Vem de dentro ou é algo que a gente nasce? (**Apoia a pergunta de PF2 e continua pedindo expansão nas reflexões**)

Alunos: De dentro (**resposta coletiva de concordância sem suporte**).

PF1: Quem acha que é o outro que contribui (falando da tomada de consciência)? (**Pergunta de expansão e suporte para as reflexões**)

A5: Eu acho que é o outro que faz. Se a gente tiver fazendo algo errado ele vai conscientiza a gente, ou certo... (**resposta com concordância e suporte pela exemplificação “ele”, o outro**).

PF1: Mas se teu colega diz assim pra ti: “Olha isso não é certo!” Automaticamente tu já não vai mais fazer aquilo? (**Pergunta controversa com pedido de esclarecimento e explicação**)

A5: Obviamente, eu sabendo que aquilo não é certo, eu não vou parar. Agora sabendo que é errado, eu vou parar. Mas tipo: não é imediatamente (**resposta com ponto de vista e conflito de posição e resistência a ideia de outro**).

PF1: Então, ele pode te sensibilizar! A consciência vai ser tua, mas ele te sensibiliza. Mas a consciência é tua, se tu faz certo ou errado. [...] (**síntese reflexiva do ponto de vista de A5**).

PF1: A imagem que você tem do bem e do mal, certo ou errado. Então, assim é tomar consciência. Você entender alguma coisa...conscientizar-se, compreender se você deve ir adiante ou não. Diante de uma situação você vai avaliar, analisar. Então, você toma consciência. Depende da conscientização que você tem (**ponto de vista com argumento de autoridade para convencimento dos participantes**).

PF3: Mas, também, depende muito do lugar, das pessoas...daquilo que você ouve, daquilo que as pessoas me dizem. Porque embora você também construa o seu pensamento [...] (inaudível). Mas, [...] o pensamento, também, se dá a partir daquilo no que você ouviu dizer, do que as pessoas falam. Tem determinadas ações que as pessoas podem dizer assim: “não, isso aqui é bobeira”. “Pode fazer isso aqui”. Talvez para ele, para algumas pessoas aquilo seja muito natural, mas para outros não [...] (inaudível). Vai depender também dos valores. Das pessoas também, de cada um (**Ponto de vista controverso, mas um argumento de autoridade**).

Como apontamos, anteriormente, a intenção dessa análise e interpretação do excerto é refletir sobre como o diálogo aparece no processo de formação no Digit-M-Ed Parnaíba como base para (com)viver na escola e fora dela. No excerto acima, verificamos que o cenário propiciou momentos de diálogo entre os interlocutores. Por exemplo, quando **A2** tenta explicar o que é conscientizar-se ([...]. **Conscientizar é**) na poesia e não consegue. Então, **A1** apresenta um ponto de vista (**Se colocar no lugar do outro, quem sabe as dificuldades dele**) que expande a fala de **A2** (**Tentar ajudar ele**) ao continuar sua explicação, mesmo de forma insegura, mas com o apoio e suporte da colega de apresentação do trabalho.

As reflexões tendem a se expandir quando **PF1** instiga que outros participem sobre o que significa conscientizar-se (**Vamos vê gente! O que é que os outros acham sobre o que é conscientizar? O que vocês entendem por conscientizar-se?**), fortalecendo possibilidades dialógicas, em que mais pessoas participem e a visão do conteúdo se alargue.

Nesse contexto, **PF1** (**Só prejudicar? e o quê mais pode ser consciência? Conscientização?**) e **PF2** (**A consciência ela pode ser... Ela depende mais de mim? Ela é mais de dentro da gente, nossa ou ela é também de fora?**) fazem outras perguntas de cunho controverso. Os questionamentos são de expansão solicitando pontos de vista novos e com suporte. Outros alunos se manifestam, como **A6** (**Ter consciência pode ser algo certo também**) e **A5** (**Obviamente, eu sabendo que aquilo não é certo, eu não vou parar. Agora sabendo que é errado, eu vou parar. Mas tipo: não é imediatamente**). A partir dessas posições novas perguntas de expansão e esclarecimentos são feitas.

Vale ressaltar que os posicionamentos durante a reflexão foram revistos. Essa condição é essencial e uma importante característica que evidencia a existência de diálogo e não somente de debate e discussão (MATEUS, 2013). Apesar de que, entre as diferentes posições sobre o que é conscientizar-se e questionamentos dos pesquisadores formadores há evidências de que tendem a finalizar a discussão com um ponto de vista com argumento de autoridade, fechando a reflexão como uma discussão, como na fala de **PF1** (**A imagem que você tem do bem e do mal, certo ou errado. Então, assim é tomar consciência. [...]. Conscientizar-se, compreender se você deve ir adiante ou não. Diante de uma situação você vai avaliar, analisar. Então, você toma**

consciência. [...]). No entanto, o que se sobressai é que nesse excerto há evidência diálogo, como apontado por Mateus (2013), pois mais pessoas são convidadas a falar, posicionamentos são revistos e há tentativa de uma compreensão compartilhada sobre o que significar conscientizar-se.

Verificamos, também, que de acordo com as características do diálogo no processo de interlocução, como apresentado por Mateus (2013), ocorre a produção de um cenário de escuta para compreensão do que outros estão falando, especialmente, porque os pesquisadores formadores buscam expandir e pedem suporte de argumento dos alunos, não dando respostas prontas. Além disso, durante as falas elementos comuns buscam ser entrelaçados e, sobretudo, não ocorre silenciamento de fala dos participantes do workshop, em que todos foram estimulados a falar e participar por meio de perguntas formuladas.

É relevante destacar, também, que no processo do diálogo, como aponta Magalhães (2011) à colaboração é imprescindível, mas não só aquela que concorda, mas a que propõe novas ideias controversas. Isso apareceu nas perguntas feitas e em posições discordantes entre os pesquisadores formadores, como no discurso de **PF3 (Mas, também, depende muito do lugar, das pessoas... daquilo que você ouve, daquilo que as pessoas me dizem. [...])** quando discorda e acrescenta outros elementos a reflexão de **PF1**. Para Mateus (2013) a perspectiva do diálogo nas interlocuções não cria conclusões fixas e fechadas, pois há pontos fortes em todas as posições. Pontos de vista fechados e impostos são comuns na abordagem da argumentação como debate e como discussão.

Nesse cenário, com foco na perspectiva freiriana⁷, a intenção não é explicar e entregar pronto e acabado os conteúdos trabalhados, mas dialogar com os alunos sobre o que entendem e que sentidos dão as ideias e as ações cotidianas. Essa compreensão e importância do diálogo estão inseridas na pedagogia de Freire (1970/2011, p. 55) quando diz “se esta crença nos falha, abandonamos a ideia, ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação e caímos nos *slogans*, nos comunicados, nos depósitos, no dirigismo. Nesse sentido, o excerto selecionado evidencia que os participantes compartilham dessa compreensão e buscam aprender a dialogar como forma de aprenderem e evoluírem coletivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁷ A escrita do adjetivo do antropônimo *Freire* atende a orientação de que só os adjetivos terminados em e tônico exibem a forma sufixal-**eano** (**Daomé, daomeano**), recomenda-se **freiriano**, com sufixo-**iano**, porque o **e** de **Freire** é átono. Escreva, portanto, pedagogia freiriana. Cf. em <https://ciberdividas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-adjetivo-do-antropônimo-freire/30622>. Acessado em 09 de agosto de 2017.

Neste trabalho nossa intenção foi refletir sobre a importância do diálogo para o (com)viver na escola e fora dela. Diante disso, compreender a relevância de cultivarmos o diálogo como forma de avançarmos como seres humanos, tendo a argumentação como pressuposto para colaborar e não para convencer a todo custo às pessoas implica em reorganizarmos a nossa consciência para novas possibilidades de viver em sociedade.

De fato, as pessoas tentam a todo custo impor ao outro uma realidade e defender um posicionamento como a melhor solução, excluindo outros olhares e compreensões sobre o mundo, valorando-as como inferiores e falsas. Em geral, nessas situações, ocorre rebate de posições contrárias com ofensas e palavras que desqualificam a experiência pessoal dos outros, basta olharmos como o debate é intenso nos facebook. Nesse quadro, a vivência subjetiva da outra pessoa é sempre secundária em relação à imposição de uma opinião apontada como a melhor e a verdade absoluta.

Quando falamos em diálogo criamos um contexto de colaboração. Para Liberali e Magalhães (2009, p. 45) colaborar é “[...] assumir riscos ao compreender o compartilhamento de significados como um exercício de conflito, de partilha, de apropriação, de recusa, de aceitação, de confrontação e de combinação dos vários sentidos expostos pelo grupo”.

No diálogo todas as pessoas, em suas experiências e ideias, são respeitadas e busca por meio dele não ofender ou alienar o outro em relação a uma realidade. Significa dizer que todas as pessoas, independentes de lugar e posição social são importante e têm muito a dizer da vida. Todos têm parte das respostas e que juntos podem chegar às soluções, sempre em aberto, nunca como uma conclusão fixa e de uma única posição.

A finalidade primordial da educação é reconstruir o conhecimento individual para reinventar as formas de viver e ser no mundo, como enfatiza Pérez Gómez (1998). Para o autor a escola está fora do contexto dos estudantes, mas tem o papel de transcender a imediatez da ação/experiência se colocando na condição de recontextualizadora da realidade. Para isso, a escola precisa se reorganizar para criar espaços de diálogo, de significados compartilhados sobre o cotidiano e potencializar as possibilidades para que mais pessoas participem criativa e criticamente de sua construção.

A escola é, portanto, um lugar adequado e potencializador de debate, discussão e diálogo. No entanto, cabe a ela pensar nas consequências e efeito do que assume como prática e ideal educativo. Assim, respondendo a questão central deste texto, entendemos que o diálogo é um

caminho relevante para que as pessoas possam aprender e ensinar de forma democrática, produzindo possibilidades criativas, respeitadas e humanizadas no mundo.

Vemos o diálogo como um inédito viável (FREIRE, 1981; 1970/2011) em que situações de debate e discussão demandam novos modos de agir, o diálogo como instrumento de transformação e reflexão crítica que apoia a construção coletiva de um horizonte de vidas transformadas a partir da superação dos empecilhos impostos pela realidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. (1970). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIBERALI, F. C. **Argumentação em contexto escolar**. Campinas-SP: Pontes, 2013.

LIBERALI, F. C.; MAGALHÃES, M. C. C. Formação de professores e pesquisadores: argumentando e compartilhando significados. In: TELES, J. A. (org.) **Formação inicial e continuada de professores de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 2009, p.43-66.

_____. **Formação crítico-colaborativa para a desencapsulação curricular**: a hiperconexão escolar. Projeto de Pesquisa enviado ao CNPq em 2015.

_____. Articulação entre argumentação e multimodalidade em contextos escolares. In: LIBERALI, F. C. *et al* (Orgs.). **Argumentação em contexto escolar**: relatos de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 63-78.

MAGALHÃES, M. C. C. Pesquisa crítica de colaboração: escolhas epistemo-metodológicas na organização e condução de pesquisas de intervenção no contexto escolar. In: MAGALHÃES, M. C. C.; FIDALGO, S. S. (Orgs.) **Questões de método e de linguagem na formação docente**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 13-40.

MATEUS, E. Prefácio. In: LIBERALI, F. C. **Argumentação em contexto escolar**. Campinas-SP: Pontes, 2013. p. 9-16.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Comprender e transformar o ensino**. São Paulo: Artmed, 1998. p. 27-52.